

POR QUE TORCIDAS ORGANIZADAS DE UM MESMO TIME NEM SEMPRE CANTAM EM UNÍSSONO NO BRASIL? – VIOLÊNCIA, POLÍTICAS SÔNICAS E PRÁTICAS TORCEDORAS¹

Pedro Silva Marra²

Resumo: Expandindo com pesquisa documental trabalho de campo com gravação de áudio, esse artigo articula concepções de violência, política e som, a fim de perceber como práticas sonoras torcedoras assumem caráter de distribuição e redistribuição de recursos materiais e simbólicos no futebol. O esporte é atravessado por disputas que envolvem torcidas, gestores de clubes, suas instituições organizadoras, entre outros, e por isso envolvem embates destes agentes uns contra os outros. O som das práticas torcedoras é um mediador dessas lutas, pois é empregado por torcidas nas disputas pelo território das arquibancadas. Escutar a violência do som em seu caráter invasivo de força torna possível perceber disputas pouco abordadas na área no Brasil, como aquelas entre grupos torcedores adeptos do mesmo clube.
Palavras-chave: práticas torcedoras; políticas sônicas; violência.

Why football organized fan groups for the same club don't always sing in unison in Brazil? – Violence, Sonic Politics and Cheering Practices

Abstract: Expanding fieldwork with audio recording with document research, this article articulates conceptions of violence, politics and sound, in order to understand how fan's sound practices take part on the distribution and redistribution of material and symbolic resources in football. The sport is embedded in disputes involving fans, club managers, their organizing institutions, among others, and therefore involve clashes between these agents against each other. The sound of cheering practices is a mediator of these struggles, as it is employed by fans in disputes over the territory of the bleachers. Listening to the violence of sound in its invasive character of force affords perceiving disputes rarely discussed in the field in Brazil, such as those between groups of supporters of the same club.

Key words: fan practices; sonic politics; violence.

Violência e política se relacionaram intensamente no futebol brasileiro durante a última década, seja na emergência de conflitos e brigas entre grupos torcedores da mesma equipe (Trejo et. al, 2019)³; na participação de torcidas nos protestos de 2013 (Maricato, 2014; Vainer 2014; Silva, 2014), ou contrários ao governo Bolsonaro durante a pandemia de Covid-19. Nestes casos, a violência constitui as ações políticas mesmas dos grupos torcedores

¹ Agradeço aos amigos Maria Inês Dieuzeide Santos Souza, Márcio Telles e Fabrício Silveira que leram versões prévias deste artigo e que muito auxiliaram com seus comentários para a finalização do trabalho.

² Professor do Departamento de Comunicação Social da UFES e do Programa de Pós Graduação em Comunicação da UFOP. Email: pedromarra@gmail.com. Vitória, Brasil.

³ Listas de torcidas organizadas de um mesmo clube que já brigaram podem ser encontradas em vídeos do Youtube, tais como os disponíveis nos seguintes links: <https://www.youtube.com/watch?v=oGjk3A9Y2iU&t=35s> e <https://www.youtube.com/watch?v=d-Ly2PgRgRs>. Última visualização: 02 de março de 2022. Importante notar que a leitura dos comentários desses vídeos enumera outros grupos torcedores do mesmo clube que também já se enfrentaram. Algumas das Organizadas mencionadas também são listadas como membros da ANATORG, em: <https://anatorg.com.br/torcidas-associadas-a-anatorg/>. Última visualização: 02 de março de 2022.

que visam pelo menos dois objetivos bastante díspares. No primeiro, pode envolver disputas por recursos materiais indispensáveis para a prática do torcer organizado, tais como ingressos grátis, ajuda de custo para viagens, territórios dentro ou fora do estádio, entre outros. Nos demais, emerge – de fato, ou a partir da repressão a sua presença reivindicatória no espaço público – como forma de luta por direitos não só no âmbito esportivo, mas também em outras esferas da sociedade. Em ambos, a violência é meio para a política.

Canções, gritos de guerra e outros ruídos não só tornam tais conflitos audíveis. Estes sons apresentam-se também como artefatos (DeNora, 2004) instrumentalizados nos encontros entre agentes diversos e por vezes tornam-se o próprio recurso em disputa. Suas dinâmicas vibratórias, mecânicas, acústicas ou auditivas configuram modos de reivindicação ou contenda, para além do conteúdo semântico que carregam, pois mediam as questões sociais, culturais e afetivas que animam, explicam, justificam ou instigam. Estas performances sonoras – musicais ou não – constituem-se a partir de técnicas sônicas: protocolos de uso de um repertório de sons, modulando e aproveitando suas possibilidades vibracionais, motoras, acústicas ou auditivas, com vistas a realizar certas ações.

Uma pragmática auditiva da violência no esporte permite perceber as formas como sonoridades – a interconexão dos aspectos materiais e sensíveis do som com suas dimensões sociais e tecnológicas – são operacionalizadas como “armas” em disputas, bem como instituem ou evidenciam as próprias relações violentas do esporte, ao marcar o dissenso entre grupos rivais, ou constituir fronteiras não só simbólicas, mas também físicas na arquibancada. Assim fazem funcionar a estrutura social em que se inserem e permitem perceber as formas como relações de poder se estruturam não só no nível dos recursos materiais indispensáveis à vida, ou no campo das disputas simbólicas. Estes processos, que denomino aqui *políticas sônicas*, também ressoam no plano somático pois impactam corpos com assimetrias sensíveis em torno da ocupação do espaço em contraposição à resistência de outros agentes. Afinal, sons ocupam espaço e impedem a audição de outros sons dentro da área por eles delimitada (Daughtry, 2014).

Este artigo objetiva articular concepções de violência, política e som, a fim de perceber as formas como ações violentas com som assumem um caráter político de distribuição e redistribuição de recursos materiais e simbólicos no futebol. Assim, parte de trabalhos que investigam as conexões entre futebol, som, violência e política para abordar facetas da questão pouco investigadas (como conflitos entre torcidas de um mesmo clube), ou incipientes (como os aspectos propriamente sonoros do torcer, para além da interpretação de letras de música e gritos de guerra) no Brasil. Embora considere um aspecto importante desses processos políticos, este trabalho não abordará a formação de alianças, de consensos, ou a institucionalização de movimentos sociais, ou de políticas públicas que têm a violência como tema.

O trabalho foca na política como dissenso (Rancière, 1996) e aborda os conflitos e disputas entre agentes envolvidos no futebol em torno de recursos necessários para suas práticas. Nesse cenário, a violência é tomada como meio, ou seja, como forma de atuar em tais conflitos a partir da força e da ocupação de espaços contra a resistência dos oponentes, buscando soluções que não necessariamente passam pela negociação, pelo diálogo ou pelo

consenso; mas pelo choque, pelo confronto ou imposição, atuando ambigualmente na manutenção de condições injustas de distribuição de recursos, ou na luta pela divisão mais equânime destes mesmos recursos. Desta forma, a violência pode constituir tanto ações políticas que reproduzem, quanto aquelas – ainda que utópicas ou incipientes – que se insurgem contra as condições vigentes de produção do futebol. Contudo, estas lutas por direitos conduzidas por torcidas de futebol serão abordadas em outro artigo.

As observações aqui apresentadas expandem temas inicialmente tateados em pesquisa de doutorado que investigou as performances sonoras no estádio que envolvem torcida, jogadores, arbitragem e demais agentes do esporte (Marra, 2016). Durante o jogo, tais ações com som afetam a torcida, atletas e outros agentes em campo, seja como um dos fatores a atuar nos processos de articulação/desagregação do público, de compartilhamento do território da arquibancada, ou do desenvolvimento da própria disputa esportiva, incentivando os jogadores ou regulando os andamentos e ritmos de suas ações em campo. Neste sentido, o trabalho amplia a proposta de Damo (2012) – que questiona se o público cria o jogo ao invés de se o jogo cria um público – adotando uma abordagem mais relacional, que pensa como público e jogo criam-se mutuamente no futebol, o som atuando como um dos mediadores entre o campo de jogo e a arquibancada.

A investigação produziu um extenso material de áudio captado em pesquisa de campo realizada em partidas do Clube Atlético Mineiro, mais conhecido como Galo⁴, entre os anos de 2011 e 2015 e que envolveu a gravação de 21 partidas do clube diante de sua torcida em três estádios: Arena Independência, Minas Arena e Arena do Jacaré. Os dois primeiros localizam-se na cidade de Belo Horizonte e o último em Sete Lagoas, a 70 quilômetros da capital mineira. As três arenas passaram por reformas antes da Copa do Mundo de 2014, com vistas a receber treinos de equipes nacionais, ou partidas deste megaevento. As transformações produzidas por estas reformas nas práticas sonoras torcedoras, bem como mais informações sobre os estádios podem ser encontradas em Marra (2014).

Em cada ocasião, a pesquisa posicionava dois ou três gravadores em setores diferentes da arquibancada e registrava toda a duração da partida. A cada 15 minutos, o gravador mudava de posição dentro da mesma região do público. Estas gravações eram posteriormente sincronizadas entre si e com a narração do jogo pelo rádio ou televisão de forma a perceber os momentos em que a torcida soava em uníssono ou produzia diferentes sons e a relacionar cada uma destas ocasiões com a disputa que acontecia dentro de campo. O corpus da pesquisa envolve mais de 150 horas de áudio e uma discussão mais detalhada da metodologia encontra-se em Marra (2015). Este artigo baseia-se em algumas dessas gravações e as expande com material documental levantado em diferentes meios, de forma a observar as questões anteriormente discutidas no contexto do Galo, em diálogo com o caso de outros clubes nacionais.

A escolha do Galo como objeto desta pesquisa se justifica pelo baixo número de investigações sobre o torcer no futebol em Minas Gerais, dentre os quais destacam-se os trabalhos dos grupos de pesquisa GEFuT (Silva,

⁴ A partir deste momento utilizaremos o termo Galo para designar o Clube Atlético Mineiro por ser este o termo preferido por seus torcedores para designar o clube.

Debortoli e Silva, 2012) e FuLiA, ambos sediados na UFMG. Grande parte dos estudos na área no Brasil focam equipes de São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul. Além de abrigar dois dos principais clubes do país – o Galo e seu arquirrival, o Cruzeiro – o processo de formação de grupos torcedores em Minas Gerais difere daqueles observados em outros estados brasileiros, como será narrado adiante. O Galo é conhecido por uma torcida fiel, que acompanha sua equipe mesmo nos momentos de dificuldade e detentora da terceira maior média histórica de público no Campeonato Brasileiro⁵. A pesquisa se desenvolveu em um período de virada na história do clube, iniciando-se em um momento de recuperação de um rebaixamento às divisões inferiores nacionais e estendendo-se até importantes conquistas em nível nacional – campeão da Copa do Brasil em 2014 – e internacional – vencedor da Copa Libertadores da América em 2013.

Na próxima seção, o artigo discute trabalhos que se debruçam sobre as relações entre violência e política no futebol, apontando que conflitos entre torcidas organizadas de um mesmo time representam uma lacuna nos estudos sobre o tema no Brasil. Em seguida, aborda os aspectos materiais de dinâmicas sonoras, evidenciando seu caráter inerentemente violento e político, para enfim delinear como tais processos se dão no âmbito do esporte. Na sequência, o artigo desenvolve a centralidade do som para a organização da torcida na arquibancada e para a constituição de legitimidade e hierarquias entre as diversas torcidas organizadas de um mesmo time. O material sonoro gravado na pesquisa acima referido é explorado com maior profundidade na seção seguinte, que aborda os conflitos e disputas sonoras entre torcidas – inclusive as adeptas ao mesmo time – pelo território da arquibancada. Finalmente, o acesso desses grupos torcedores a recursos materiais fundamentais para a prática do torcer, a partir de suas relações com dirigentes de seus clubes, será abordado na última seção. A análise evidencia como os sons do futebol mediam a conversão de capital social em recursos materiais e econômicos para as torcidas que, por desfrutarem de maior legitimidade entre os adeptos da equipe, conseguem melhor articular e organizar a arquibancada durante as partidas.

Violência e política no futebol:

Episódios de violência envolvendo torcedores e entre estes e a polícia, são noticiados pela mídia com frequência. Estas narrativas costumam encarar as organizadas como grupos de risco; indefensáveis por serem a causa e o efeito de sua própria violência, de maneira análoga à que Elsa Dorlin (2020:18-30) caracteriza a repressão institucionalizada do Estado a populações minoritárias. Enquanto isso, estudos de violência no futebol situam este fenômeno em um contexto mais amplo (Reis, 2005, Toledo, 2013), cuja ocorrência entre torcidas manifesta-se de forma plural (Reis e Lopes, 2016). Remetem às origens das organizadas na virada das décadas de 1960 para 1970, quando emergem como movimentos sociais que se contrapõem

⁵ Dados atualizados sobre médias históricas de público podem ser encontradas em: https://www.mg.superesportes.com.br/app/1,9/2021/11/27/noticia_atletico_mg,3949436/atletico-pode-ter-maior-media-de-publico-do-brasileiro-pela-10-vez.shtml. Última visualização: 02 de março de 2022.

tanto à ingerência do futebol por parte das entidades gestoras do esporte e das administrações de clubes, quanto às relações espúrias estabelecidas entre gestores e os antigos chefes de torcida e grupos uniformizados, identificando-as como instâncias de resistência à ditadura civil-militar no Brasil (Hollanda, 2008).

Algumas pesquisas interpretam tais conflitos como negativos e por isso os tratam como problemas a serem resolvidos na busca de paz. Afirmam a necessidade de punição ou controle social, ao mesmo tempo em que, de forma a distribuir a responsabilidade pelos conflitos entre os diversos agentes envolvidos, os caracterizam como práticas “de violência *no* futebol e não *do* futebol”⁶ (Murad, 2013:152). Para estes estudos, a violência no futebol é rara, contabilizada em números de mortos ou de confrontos entre torcedores de equipes rivais, acontece fora dos estádios e é constantemente exagerada pelos meios de comunicação de massa. Tais trabalhos correm o risco de minimizar a questão, ao encará-la como um fora da sociedade, algo a ser erradicado ou relevado para que diferenças não destruam a vida em comum.

De fato, tal risco é real, já que algumas iniciativas do poder público criminalizam as torcidas em medidas de prevenção de conflitos em estádios. Tais regulamentações motivam alianças entre torcidas organizadas de diferentes clubes do país, que se esforçam para fundar associações em âmbito regional ou nacional (Teixeira, 2018; Teixeira e Hollanda, 2018; Hollanda e Teixeira, 2017). No lugar de punição, tais coletivos de torcedores propõem diálogo e medidas educativas para cessar os conflitos.

Em ambas abordagens, a violência é um tema – ou motivador – da política institucionalizada que visa solucionar conflitos compreendidos como problema. Contudo, a violência pode ser encarada também como um dos motores da sociedade ao lado das trocas simbólicas e econômicas (Clastres, 1979; Clastres, 2004), como algo que constitui a atividade humana não apenas em contextos de crise (Araújo, 2006), sem ignorar que o conflito pode ter consequências nefastas. No mundo contemporâneo, ela faz parte de um projeto necropolítico (Mbembe 2018) que articula as relações sociais inclusive em seu nível mais local, sobretudo em sociedades marcadas por uma situação de precariedade, onde as redes de apoio sociais e econômicas se deterioram ou se distribuem desigualmente (Butler, 2018), como é o caso da América do Sul. O esporte de alto desempenho é uma prática social privilegiada para se perceber estas dinâmicas na medida em que se encontra atravessado por fluxos globais de capital e por uma lógica neoliberal de aferição de lucros (Wisnik, 2008). Uma boa parte dos estudos sobre torcida busca combater o estigma do torcedor violento presente na mídia e no imaginário popular evidenciando o papel da violência na articulação e organização desses grupos, seja pela chave da rivalidade (Alabarces et al., 2000, Toledo, 1996), da busca por excitação (Dunning, 2011), das relações de gênero e classe (Spaij, 2008, Gastaldo, 2010, Alabarces, 2014), das dinâmicas de fusão identitária (Newson et. al., 2018).

Parte significativa dessas pesquisas narra uma predominância de violência simbólica por torcedores, manifesta em xingamentos e outras palavras ofensivas a minorias sociais, econômicas, de gênero e étnicas

⁶ O itálico para destaque na citação é do autor desde artigo, e não de Murad.

presentes nas letras de canções entoadas nas arquibancadas. Os conflitos e brigas visibilizam uma violência física que constitui um ethos guerreiro central para compreender a formação e manutenção de torcidas, na medida em que conceitos nativos, como *aguante*, ou valores como a defesa do clube a qualquer custo, articulam sistemas de autenticidade, legitimidade e hierarquias dentro de cada uma delas e entre rivais. Demonstrar valentia, roubar camisas ou bandeiras de adversários, não fugir da luta ou botar oponentes para correr torna-se uma forma de acumulação de capital simbólico que garante respeito a estes agentes violentos. A violência física é tomada, então, como prática ritualizada, articulando questões de gênero, de rivalidade e a própria experiência torcedora, tornando-se uma componente da ação política interna às torcidas ou entre rivais, pois participa da “construção de representações que precedem as mesmas atividades” (Spaaij et. al., 2018, p. 8).

No Brasil, contudo, estes estudos raramente enfocam violência que se dá entre torcidas organizadas adeptas ao mesmo clube, fenômeno que se torna cada vez mais frequente nos últimos anos. Esta lacuna encontra maior atenção no restante da América Latina, sobretudo na Argentina (Murzi, 2018; Trejo et. al, 2019; Trejo, Murzi, Yoshida, 2017; D’Angelo, 2011), onde há a percepção de que a violência pode ser praticada também para obtenção de benefícios, a partir da conversão de capitais simbólicos em recursos materiais, seja por meio do tráfico de influência e redes de clientelismo junto a dirigentes de clubes ou gestores do futebol (Moreira, 2012; Alabarces et al., 2018), seja aqueles provenientes de atividades econômicas informais ou ilícitas, tais como cambismo ou gerenciamento de barracas e estacionamento nas imediações do estádio. Tais ocorrências evidenciam que torcidas também são agentes interessados no seio do negócio futebolístico e que, mais do que apenas se limitar “a reclamar a sua parte, que nem sequer é a mais importante” (Alabarces, 2014:174), participam ativamente na reprodução dos sistemas econômicos, sociais, culturais e políticos violentos, desiguais e corruptos a que estão submetidos. A violência, então, torna-se componente de ações políticas em um espectro mais amplo, envolvendo o futebol no geral e reverberando inclusive em processos eleitorais em nível municipal, regional ou nacional (Duke e Crolley, 2001).

Hans Ulrich Gumbrecht nos fornece uma concepção de violência que, embora não tenha sido elaborada visando estas questões políticas, pode ser apropriada a fim de fornecer um ponto de partida para pensá-las. Interessado em compreender a dimensão sensível do jogo e os afetos estéticos e compartilhados por torcedores que a prática esportiva pode produzir, o autor pontua que as ações de um atleta em campo sempre se realizam contra o esforço do oponente, e buscam resistir às artimanhas táticas, estratégicas e sensoriais do rival e do local onde se realiza a partida. Gumbrecht argumenta que um tipo específico de violência é um dos elementos de certos esportes que parecem ser uma das fontes do fascínio – entendido como o olhar compartilhado por uma cultura esportiva que se atrai por uma forma, ou seja um evento marcado pela relação ajustada entre corpos diferentes (o dos atletas, a bola ou outros instrumentos, etc), que é prevista e ansiada coletivamente pelos torcedores, mas que se realiza apenas em um momento para logo em seguida se esvair – que produzem no público.

O Rugby e o Futebol Americano incorporaram em suas regras e dinâmicas de disputa certos movimentos que envolvem o choque entre os corpos dos adversários, de forma que os atletas se bloqueiam, o que também é permitido pelas regras do futebol a sua maneira. Quando uma jogada desta natureza se concretiza de maneira bem sucedida e a favor do time para que se torce, os torcedores vibram intensamente. Nestas ocasiões, segundo Gumbrecht, estaríamos diante de uma experiência estética no contexto esportivo, ainda que o evento que catalise tal epifania esteja embebido em violência. Neste sentido, o autor define violência como “todos os atos e formas de comportamento que ocupam ou bloqueiam espaços por meio de corpos, contra a resistência de outros corpos” (Gumbrecht, 2010:69). Com essa definição, evidencia o poder mobilizador da agressividade física, sem confirmar sua associação frequente com o comportamento criminoso, ao mesmo tempo em que, contra Foucault, evita tratá-la como um fenômeno espiritualmente mal vindo.

Esta concepção de violência, para além de marcar a disputa – por espaço, pela bola, por quem marca mais gols – que é parte do esporte, evidencia também que a força, o choque, o confronto ou oposição – que colocam corpos uns contra os outros – podem também ser meios para a resolução de conflitos. Transportada ao âmbito da ação política, a violência pode ser pensada então como um meio de constituição ou contestação de relações de poder e de hierarquias, bem como uma busca pela superação de impasses que não necessariamente passam pela negociação, pelo diálogo ou pelo consenso. Pode ser simbólica ou física; pode envolver agressividade, a guarda de posições conquistadas, ou o enfrentamento sutil, mas não menos efetivo, da jocosidade. De toda forma, a violência torna-se política quando é acionada em disputas, dissensos, conflitos e outras relações de poder que não são passíveis de equacionamento por meio de acordo ou diálogo.

Alguns trabalhos clássicos das ciências sociais trabalham uma dimensão política da violência em sentido semelhante. Pierre Clastres, por exemplo, afirma que a violência é uma forma de controle social e contrasta sua manifestação em sociedades modernas e indígenas brasileiras: enquanto naquelas o Estado detém o direito à violência legítima, acessada para manter uma ordem baseada na desigualdade de acesso a recursos materiais, nestas ela não é o resultado de trocas mal sucedidas, mas o meio a partir do qual os indivíduos impedem a produção de desigualdades lançando mão da guerra, ou de situações de Sociedade contra o Estado.

Em uma perspectiva diferente, apontando uma possibilidade política e insurrecional da violência, Walter Benjamin (2013) explica que independentemente do modo como atua, uma ação somente pode ser caracterizada como violenta a partir de uma análise ética. Portanto, atos violentos aparecem tanto do ponto de vista do direito natural quanto do direito positivo, como meios. Para cada uma das perspectivas, respectivamente, ou a violência legitima-se pela justiça de seus fins, ou pela sua legitimidade de defesa a um direito nascente. Portanto, a violência, para Benjamin, carrega um aspecto ambivalente, tanto desagregando sociedades; quanto fundando ou instituindo o próprio direito ou o Estado; operando com um caráter conservador de manutenção da ordem; ou ainda funcionando como forma de contestação às instituições.

Alguns pesquisadores brasileiros levantam este caráter político contestatário, de luta por direitos e até insurrecional da violência no futebol. Para Marcelo Palhares e Gisele Schwartz (2015) a violência das torcidas organizadas é uma ferramenta nostálgica para breçar processos de enobrecimento e mercantilização do futebol, transformações estruturais que estes grupos percebem como injustas ou desiguais. Para os autores, esta violência é ambivalente pois também contribui para a manutenção de velhas formas de produção material do esporte. Já Bernardo Buarque de Hollanda (2008), a partir do conteúdo das letras de alguns gritos de guerra entoados nos estádios do Rio de Janeiro entre as décadas de 1960 e 1970 pelas chamadas Torcidas Jovens, embriões das organizadas no estado, mostra o caráter político e contestatário de suas ações, que se voltavam contra a administração dos clubes, as relações espúrias dos antigos líderes de torcidas com gestores dos times e até certo descontentamento com o governo militar.

Sonoridades violentas

Sou... da Galoucura eu sou
Vou dar porrada, eu vou
E ninguém vai me segurar, nem a PM⁷

Em diversas canções entoadas nos estádios de futebol do Brasil, as torcidas organizadas se caracterizam como verdadeiras máquinas de guerra. O tema da violência é recorrente em boa parte do repertório sonoro entoado por esses grupos nas arquibancadas do país, em letras que narram confrontos com torcidas rivais e polícia, ameaçam ou insultam adversários, entidades organizadoras do esporte, instituições do Estado e por vezes o próprio time. O trabalho de Bernardo Buarque de Hollanda ressoa uma vertente de pesquisas musicológicas e etnomusicológicas que focam o papel das canções de protesto em contextos de manifestações, conflitos armados e resistência contra regimes autoritários. De forma geral, nestas pesquisas (McDonald, 2013, Zan, 2013; Correa, 2017), a música é algo mais do que texto que carrega mensagens contra pautas políticas, o inimigo, ou o governo: ela é um meio para a resistência, na medida em que media “relações espaciais, políticas e culturais da revolta” (McDonald, 2013:197). Neste sentido, sua performance pública é não só um instrumento para divulgar demandas ou questões sociais, mas é a ação política em si mesma. Contudo, Hollanda apenas menciona parâmetros sonoro-musicais – como melodias, andamentos ou ritmos – de forma a descrever as músicas entoadas pelas torcidas analisadas, sem operacionalizá-los como artefatos na análise das ações políticas destes grupos. Desta forma, confere pouca atenção à forma como sons fazem diferença nas ações que compõem.

Esta indiferença à sonoridade do futebol marca os estudos da área que de modo geral focam a música e a análise de suas letras (Helal, et. al. 2012). Alguns trabalhos apontam alguns aspectos performáticos a serem levados em

⁷ Antiga canção entoada por uma grande quantidade de torcidas organizadas de diferentes times do Brasil. Cada um desses grupos insere seu próprio nome nos versos. Assim, *Galoucura* é um termo intercambiável nesta letra e pode ser livremente substituído de acordo com o grupo torcedor que a canta.

conta, no entanto, dedicam pouca atenção às propriedades materiais, vibratórias, motoras ou acústicas do som. João Manuel Santos (2021) destaca elementos como o local, momento e maneira como se realiza a performance musical, bem como os instrumentos empregados. Contudo, define gêneros musicais não a partir das melodias, timbres ou ritmos que mobilizam, mas das inserções sociais e econômicas de seu público. Já Luiz Henrique de Toledo (1993) aponta a importância do cantar junto, mas equivocadamente no nome da canção original – troca *Mulata Bossa Nova* por *Garota Bossa Nova* – que um cântico entoado por diversas torcidas parafraseia. Há também estudos que traçam o histórico de versões de uma canção que a fazem circular pelos estádios ao redor do mundo (Alabarces, 2015). Em contrapartida, alguns poucos trabalhos lidam com elementos propriamente sonoros do futebol, como a reverberação de arenas esportivas (Hagood e Vogan, 2016), ou o timbre vocal empregado nas performances masculinas do aguçante (Herrera, 2018), mostrando que a categoria música não deve ser tomada como atalho analítico para discutir o som.

Durante a última década, o campo dos estudos de som viu emergir uma série de pesquisas, livros e artigos a respeito das relações entre som e violência. O uso de música como “arma” na guerra do Iraque pelas forças norte americanas motivou larga atenção para essa questão na pesquisa em humanidades. Seja como elemento fundamental da campanha de choque e terror empreendida na ocasião, ou como forma de quebrar a moral de presos iraquianos durante interrogatório, Susane Cuisick (2006) aponta que a possibilidade do som em afetar as capacidades de orientação espacial, senso de equilíbrio e coordenação motora permitem que diversos tipos de música sejam utilizadas incidentalmente como “arma”, ou como forma de realizar uma tortura sem toque; um argumento sustentado frequentemente por oficiais militares em favor de uma forma mais branda de tortura. Steve Goodman (2010) generaliza este poder afetivo do som para explicitar como expressões sonoras do mundo capitalista – a onnipresença de dispositivos digitais portáteis de reprodução de música, por exemplo – constituem uma política da frequência. Há ainda trabalhos que se debruçam sobre a escuta musical compulsória – música que se é obrigado a escutar, seja por sua ubiquidade, seja por sua intensidade que a possibilita invadir espaços – e seus efeitos no incômodo pessoal (Trotta, 2019); ou que cunham taxonomias das formas violentas de uso da música (Johnson e Cloonan, 2009). Concordo com Stock (2018:99-100) que estes estudos mostram que “Se uma vez focamos nas relações entre violência e música, nos atentamos agora igualmente ao som da violência e à violência do som”.

Ao investigar as relações entre som, música e trauma na Guerra do Iraque, Martin Daughtry (2015) mostra como vibrações sonoras, escutas e tecnologias são acionadas em situações bélicas, conformando os tempos e os lugares no conflito armado. O autor destaca que os sons possuem tamanho, peso e direcionalidade e que, por isso, ocupam espaço. Seu tamanho equivale à área em que é possível escutá-lo. Neste sentido, vibrações acústicas costumam ser maiores do que suas fontes. Seu peso corresponde às sensações táteis que as vibrações sonoras produzem sobre os corpos ouvintes. Finalmente, a direcionalidade diz respeito ao sentido em que se propaga o som. Vibrações acústicas podem ser muito direcionais, alvejando de maneira

direta um ouvinte que o escuta de forma clara. Por outro lado, elas também se voltam em direção à sua fonte, o que confere a todos os sons uma certa omnidirecionalidade. Portanto, fica clara a natureza mecânica do mundo audível, de movimento de um corpo que encontra ressonância em outro, bem como seu caráter dinâmico, na medida em que varia ao longo do tempo, de acordo com seu movimento de surgir e esvair.

Tais propriedades do mundo audível acentuam-se em situações de sensorialidade extrema, que contam com altos níveis de intensidade, frequências extremamente graves ou agudas, ritmos muito acelerados ou cadenciados, andamentos muito lentos ou rápidos, etc. Então, o caráter de força dos sons toma a frente em detrimento de seus aspectos sógnicos: as vibrações passam a agir diretamente sobre os corpos ao invés de remeter a sua fonte ou aos códigos culturais a que costumam se associar. Nas palavras de Daughtry, tais condições extremas “apontam para o fato de que a riqueza semântica do som – sua dimensão inteligível, interpretável – pode por vezes ser comprometida, se não erradicada, por sua presença material devastadora” (Daughtry, 2014:32).

Assim, em contextos de hipersensorialidade, os sons ocupam o espaço de maneira intrusiva, como um ataque direto ao corpo, pele e cavidades internas. Na medida em que invade o espaço, incluindo o território interno do corpo, um som extremo compete com ou impede a escuta de outros sons que coabitam uma mesma área. Nesse sentido de invasão, vibrações sonoras apresentam sua dimensão violenta nos termos de Gumbrecht e forçam os corpos a vibrarem à revelia de sua vontade, tornando-se um só com o evento sônico. Portanto, ressoo Daughtry ao afirmar que “o som coloniza territórios acústicos, incluindo o território ressoante do corpo” (Daughtry, 2014:33). Se o som tem um caráter imersivo por propagar-se em todas as dimensões, a violência a ele conectada é omnidirecional. Dessa forma, atinge, com níveis diferentes de intensidade, tanto suas vítimas quanto testemunhas ou algozes. Daughtry mapeia quatro zonas de (in)audição nas quais diferentes modos de escuta acontecem. O audível inaudível, delimita uma zona onde o som está tão longe que pode ser ignorado como fundo. Na zona narrativa, o som já está próximo o bastante para não ser ignorado, mas distante a ponto de não apresentar uma ameaça para o ouvinte, o que permite a um indivíduo treinado contar histórias a partir das pistas escutadas. A zona tática demanda decisões e ações práticas e imediatas para evitar danos ocasionados pela ameaça que um som muito próximo pode implicar. Finalmente, na zona do trauma, o som está perto o bastante para atingir os corpos e infligir ferimentos, dor e trauma a qualquer um que seja por ele alvejado.

Daughtry também apresenta um modelo tripartite para a análise do som em tempos de guerra que endereçam três dimensões, respectivamente: a escuta, a agência e a territorialidade. Regimes auditivos referem-se às habilidades de escuta necessárias a um soldado em campo de batalha, ao processo de aprendizagem destas técnicas e às formas nas quais a audição engendra relações de poder. Campanhas sônicas endereçam à agência: as formas particulares em que as pessoas em tempos de guerra produzem sons, levando em consideração o fato de que as vibrações podem tanto ser empregadas como armas, ou tornarem alguém alvo – permanecer em silêncio é fundamental para manter-se seguro em meio ao confronto. Territórios

acústicos descrevem as formas nas quais o som reverbera no espaço, não só construindo o lugar, ou criando fronteiras entre territórios adjacentes, mas também infligindo mudanças na interioridade do corpo, como no caso de concussões produzidas por som⁸.

O espetáculo futebolístico – sobretudo em seu aspecto acústico, mas não só – é largamente hipersensório. Enquanto a voz de uma única pessoa não possui a capacidade de produzir um impacto perceptível sobre a pele, uma multidão vociferando a mesma palavra de ordem, ou sonoridades muito graves e intensas, têm tal potência. No Brasil, onde diversas torcidas organizadas de um mesmo time ocupam regiões distintas da arquibancada em formações instrumentais que incluem instrumentos de percussão e de sopro e executam muitas vezes canções e gritos diferentes, o estádio soa de maneira intensa e frequentemente caótica. Torcidas, assim, delimitam seu território no setor da arquibancada que ocupam, suas fronteiras se estendendo até o ponto do público em que o som alcança. Parte da vizinhança desses espaços reclama da balbúrdia que toma de assalto suas ruas e quarteirões. É, portanto, por meio do som – e não só pelo conteúdo semântico das mensagens e palavras entoadas – que as torcidas realizam atos de violência, não só simbólica, mas também física.

Assim, a partir da pesquisa realizada em jogos do Galo, argumento que a maior parte da experiência audível do torcer acontece em uma zona tática, na qual torcedores estão constantemente decidindo se e por meio de que canção, canto ou palavra de ordem necessitam soar. Eles também podem adentrar uma zona de trauma, no caso de confrontos emergirem nas arquibancadas, ou uma zona narrativa, quando tentam entender que canção os torcedores adversários estão cantando a fim de silenciá-los. As pessoas que vivem nas imediações de arenas de futebol – algumas vezes a alguns quilômetros de distância do campo – são obrigadas a compartilhar esta zona narrativa, na medida em que conseguem adivinhar o que está acontecendo no jogo por meio do som: o rugido da multidão significa que o time da casa marcou um gol; silêncio quer dizer que perdeu o jogo. Os regimes auditivos do futebol são adquiridos ao longo do tempo, à medida que torcedores comparecem aos jogos nas arenas e aprendem quando e por meio de que repertório eles podem imprimir sua presença audível em cada região da arquibancada. Eles também tendem a forçar os torcedores a incansavelmente emitir sons em campanhas sônicas que objetivam incrementar as performances dos jogadores ou atrapalhar o jogo do adversário. Finalmente, usam o som para colonizar as arquibancadas e confirmar que a arena é seu território.

Som como articulador violento da torcida

Na partida final de um torneio, seu time de futebol joga contra seu arquirrival. As arquibancadas estão lotadas e a intensidade, o tamanho e o peso da voz coletiva obriga os torcedores a cantar. O defensor adversário

⁸ Em uma conferência realizada no Brasil, em junho de 2019, o autor admitiu que certos elementos da escuta e do soar na guerra também estão presentes na vida cotidiana, especialmente em lugares hiper sensoriais da vida urbana. A conferência está disponível em: <<https://www.sonoridades.net/registros-i-conferencia-palestras>>.

comete uma falta no jogador do seu time na linha da grande área. A torcida ruge pedindo pênalti, mas o árbitro apenas assinala falta. Indignada, a multidão grita: 'Ei juiz, vai tomar no Cu!' Você também está zangado com a decisão do árbitro e – assim como já havia embarcado em outras sonoridades – repete a ofensa, apesar de seu conteúdo homofóbico, cedendo ao peso e à intensidade do grito e juntando-se ao coro.

Em primeiro plano, a narrativa acima chama atenção pela violência simbólica de performances de gênero torcedoras que explorei em outro artigo (Marra, 2021). A ambiguidade desta violência é reforçada pelo fato de que a colocação da voz empregada nestes xingamentos está diretamente ligada à ofensividade desses termos, como também demonstrei (Marra, 2018). Contudo quero chamar atenção aqui para outra dinâmica violenta que a mesma narrativa apresenta. Trata-se da sincronia do público que ecoa certas sonoridades coletivas, mesmo que esta atitude vá de encontro às suas vontades, disposições, ideário ou autocensura. Nestas ocasiões de sonoridade extrema, suportado por dezenas de milhares de vozes, o peso, presença e tamanho do grito da torcida parece forçar cada torcedor a harmonizar-se com os demais. Tal impacto sônico sobre os corpos é por diversas vezes irresistível: ainda que a escuta possa ser treinada para fazer o corpo reagir ou resistir a tais seduções, estamos necessariamente a todo tempo sob a ação de um campo vibracional que constantemente obriga nossos corpos a mover em simpatia, como lembra Daughtry (2015:164). É neste caminho também que Tim Ingold (2007) afirma que não escutamos aos sons, mas ouvimos nos sons, já que estes não seriam o objeto, mas o meio da percepção auditiva.

Desta forma, o aspecto imersivo deste sentido toma a frente, o que não só destaca a importância da escuta na atribuição de significados aos lugares, mas sobretudo mostra como esta produção de significação envolve uma afinação no nível somático individual e coletivo às ressonâncias, reverberações e ecos que vibram no espaço (Helmreich, 2007). Em outras palavras, para tornar-se parte do time, um torcedor de futebol precisa ressoar em harmonia com o público e a arena, e para não ser arrastado pela massa sonora deslocada por uma sonoridade intensamente afetiva, é necessário encontrar uma âncora, realizar algum esforço para permanecer imóvel – “confinamento de lugar, em resumo é uma forma de surdez” (Ingold, 2007:12).

Esta afetividade evidencia que os sons produzidos nas arenas esportivas mediam violentamente – na medida em que invadem os corpos – as dinâmicas de articulação e organização da torcida nas arquibancadas. A totalidade da torcida de uma equipe presente nos jogos é sempre maior que uma torcida organizada: engloba alguns grupos dessa natureza, bem como famílias, grupos de amigos que acompanham juntos as partidas, outros grupos instrumentais, entre outros. O trabalho de campo realizado em minha pesquisa mostrou que os torcedores não cantam todo o tempo em uníssono. Certas canções, assim como determinadas situações da partida catalisam melhor a organização do público, manifesta em uníssono.

Nestes processos as torcidas organizadas realizam um importante trabalho de articulação, ocupando muitas vezes a função de maestro dos torcedores, ao ditar as canções e palavras de ordem a serem entoadas a cada lance da partida. Para tanto é necessário um trabalho acústico, que envolve, por exemplo um incessante soar que ocupa todo o espaço sonoro do estádio e

duração do jogo. Uma organizada vibrante tem grande potencial de contagiar o restante do público e seduzi-lo somaticamente a entrar no coro. Para manter-se soando indefinidamente, a Galoucura, principal torcida organizada do Galo, pode recorrer, por vezes, à agressão física. Durante a pesquisa, presenciei o chefe da bateria da organizada golpear levemente torcedores que estavam silenciosos para que voltassem a cantar em momentos em que a organizada diminuía seu ritmo e intensidade. Essa, inclusive é a ameaça contida nos versos de “Tá Ligado”, entoados com voz gutural: “Quem ficar parado vai tomar um tá ligado”⁹.

Algumas pesquisas atribuem a violência da torcida a dinâmicas multitudinárias em que se observa uma forma paroquial de prosocialidade (Newson et al., 2018). O tipo de engajamento dos torcedores com seus times produziria uma forte fusão à experiência grupal do coletivo torcedor, o que redundaria na internalização de uma psicologia guerreira na qual o torcedor se motiva, a partir de uma identidade fusional, a defender seus companheiros de equipe em situações de ameaça. Para estes autores, este mesmo tipo de emoção compartilhada poderia produzir formas de solidariedade entre torcedores, sendo canalizada em formas socialmente mais aceitáveis, como trabalho de caridade, apontando para o comportamento de massa como uma “intensa afirmação da vida”, nas palavras de Felipe Tavares Lopes e Mariana Pricoli Cordeiro (2015). Se as dinâmicas de grupo são efetivamente parte da violência ou da solidariedade no esporte, a hipótese de uma identidade fundida deixa de lado uma série de mediadores que possibilitam ou catalisam a organização e articulação dessa ação grupal. A identidade experienciada de maneira intensa, o hábito de vestir o mesmo uniforme, são tomados por si só como elementos capazes de produzir uma sinergia que “motiva um largo espectro de ações pró-grupo pessoalmente custosos, porque para personalidades fundidas ameaças ao grupo são interpretadas como ameaças *pessoais*” (Newson et al., 2018:676). Assim, essas pesquisas não consideram que é mais provável conseguir forçar um companheiro torcedor a ecoar um xingamento homofóbico ao rival do que efetivamente engajá-lo no confronto físico direto. O trabalho continuamente necessário para produzir, manter e transformar tais dinâmicas multitudinárias desaparece sob o signo de identidades previamente dadas. O som é um desses mediadores que propiciam, favorecem, catalisam ou forçam violentamente estas dinâmicas multitudinárias durante as partidas de futebol.

Som e territorialidade das arquibancadas:

Sonoridades também são acessadas frequentemente como forma de ocupar o espaço do estádio e tomar posse do território da arquibancada. Cantar alto e buscar o uníssono de toda torcida é uma técnica acessada quando, por acaso, a torcida adversária se faz ouvir. Isso frequentemente acontece quando a equipe visitante realiza um lance de perigo ou marca um gol. Se faz necessário, então, rechaçar sua presença por meio de vaias e

⁹ O “tá ligado” consiste em um tapa na nuca de sua vítima. A canção “Tá Ligado” está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cKt48q1I5Cs>. Última visualização: 9 de dezembro de 2019.

canções entoadas da maneira mais intensa possível. O ruído bloqueia o espaço acústico do adversário e o cala.

Em partida entre Galo e Flamengo, válida pela 30ª rodada do Campeonato Brasileiro de 2013, a torcida adversária havia comparecido em peso e lotava o setor destinado aos visitantes. Após um ataque do Flamengo que quase resultou em gol, a torcida adversária emergiu no território acústico da Arena Independência, com gritos de “Mengo”. Imediatamente, a Galoucura puxa em coro a canção “Vamos, vamos, meu Galo”¹⁰, que não chega a ser ecoada por todos os atleticanos presentes, mas encontra adesão o bastante para se sobrepor aos flamenguistas silenciando-os. Situação semelhante foi registrada em jogo entre o Galo e o Palmeiras, pelas oitavas de final da Copa do Brasil de 2014. No início da partida, a equipe visitante quase marca e sua torcida, presente em pequeno número, se faz ouvir com gritos de “Porco”, em referência à mascote de seu time. Então, a Galoucura puxa a tradicional paródia da antiga marchinha de carnaval “Mulata Bossa Nova” comum a diferentes clubes Brasileiros. A torcida organizada, em outro setor da arquibancada, é seguida pelo Movimento 105 e pela Camisa 13. O primeiro é um grupo de torcedores que se auto-denomina barra, ao invés de torcida organizada, por utilizar instrumentação e repertório musical tipicamente associados às torcidas argentinas, e por propor-se a cantar durante todo o tempo da partida. Já a segunda é uma outra torcida do clube, com um número menor de membros, articulada como grêmio recreativo e escola de samba, que divide o setor com o Movimento 105.

Importante notar que em ambos os casos a música escolhida nesta campanha sônica apresenta ritmo acelerado e é cantada a plenos pulmões, utilizando um registro gutural da voz. Estas características intensificam as emissões sonoras e conseqüentemente a excitação da torcida, facilitando que o canto ecoe pelo estádio. O resultado é o silenciamento do adversário. Não é que os torcedores rivais se calem, mas deixam de ser ouvidos no território acústico do estádio. Em uma violência sonora, que não é apenas simbólica, mas também física, as torcidas manipulam a intensidade de suas emissões como técnicas de silenciar o oponente a fim de sufocá-lo ou incorporá-lo no mar de vozes do espetáculo esportivo.

A posição de maestro da principal torcida organizada garante a este grupo um lugar de legitimidade e poder entre os amantes de um determinado clube, aferido por sua capacidade de produzir uníssono e pela intensidade sonora alcançada nesta articulação. No entanto, este lugar não é conquistado sem disputas entre diferentes organizadas do mesmo time e o som é o meio em que tais confrontos se desenrolam durante as partidas de futebol, sendo acessado como forma de ocupar o espaço do estádio e tomar posse do território acústico da arquibancada. Na primeira partida das oitavas de final da Copa Libertadores da América de 2015, entre Galo e Inter, disputada na Arena Independência, no dia 9 de maio de 2015, pouco menos de 20 mil torcedores lotaram a Arena Independência. Antes do jogo começar, as arquibancadas soam em uníssono os versos “Vai pra cima deles, Galô!”, um mantra de melodia simples e repetitiva, usualmente entoado no início do jogo, ou em momentos da partida quando o time ainda não marcou um gol ou precisa

¹⁰ A canção está disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=W6b02Rt4cc>.

correr atrás do placar para empatá-lo ou virá-lo. Logo antes do apito inicial, contudo, o público bifurca seu uníssono em duas possibilidades muito semelhantes. Enquanto a Galoucura aciona os versos “Ganhar Libertadores, e vamos, vamos, Galo”, a Camisa 13 e Movimento 105, cantam “Atlético Mineiro, e dá-lhe, dá-lhe, Galo!”

Os versos “Atlético Mineiro, e dá-lhe, dá-lhe, Galo!” são bastante tradicionais nos mesmos momentos da partida que o “Vai pra cima deles, Galô!”. Sua proximidade melódica torna simples a tarefa de emendar um no outro, produzindo uma espécie de transe em que o canto se repete por vários minutos seguidos. “Ganhar [o campeonato em disputa], e vamos, vamos, Galo!”, no entanto, é uma variante recente introduzida pelos torcedores após a conquista da Copa Libertadores de 2013, com a mesma melodia de “Atlético Mineiro, e dá-lhe, dá-lhe, Galo!”. Talvez por isso o restante da arquibancada embarque na letra acionada pela Camisa 13 e Movimento 105, ao invés daquela entoada pela Galoucura, contrariando o que costuma acontecer nas partidas do Galo. A mesma melodia e prosódia semelhante empregadas nas palavras nas duas frases, inclusive, podem ter confundido o restante da arquibancada levando-a a acreditar que todos os grupos organizados cantavam em uníssono. Ao perceber-se vencida pelo restante do público nesta disputa sônica, a Galoucura para de tocar e retoma sua performance, agora juntando-se ao uníssono do restante da Arena Independência. Curioso notar que, alguns instantes após essa desarticulação, a zaga do Galo falha e o Internacional abre o placar.

Sob o risco de não serem mais escutadas as torcidas organizadas adotam as sonoridades de outros grupos que dominam o território do estádio. Em uma ocasião, presenciei torcedores trajados com o uniforme da Galoucura em setores da arquibancada diferentes daquele ocupado tradicionalmente pela organizada. Eles voltavam sua atenção para o que o grupo a que pertenciam cantava e ecoavam os gritos e canções na esperança de fazer com que torcedores ao redor também embarcassem na música. Também foi possível notar, em diferentes partidas, como o Movimento 105 estava sempre atento ao que cantava a Galoucura, seja para cantar junto, seja para tentar introduzir uma nova canção em seguida. Nesta disputa sônica, diversas identidades coletivas tornam-se presentes por meio de diferentes formas de manipular materiais acústicos comuns ou divergentes, em dinâmicas de enfrentamento e consonância, nos quais os grupos que soam expõem suas semelhanças e disparidades e lançam mão de certas artimanhas para seduzir somaticamente os torcedores presentes a entrar em seu coro. Assim, a escolha das arquibancadas em ecoar o Movimento 105 e a Camisa 12, ao invés da Galoucura, representa um breve momento em que a liderança da torcida modifica-se, o que provoca uma troca de legitimidade torcedora, ainda que efêmera.

Durante o trabalho de campo, registrei algumas reclamações de torcedores isolados com relação à Galoucura. Para eles, a torcida organizada havia perdido o seu papel nos últimos anos, já que insistia em cantar um repertório musical em homenagem a si mesma, ao invés de ao time. Estas canções – como *Maria é tudo frouxo*, *Sou eu da galoucura, sou eu*, ou *Bota a cara alemão* – são entoadas em momentos em que a partida parece ganha, cantam episódios de confronto com adversários, exaltam a qualidade guerreira

da organizada, ou simplesmente anunciam a chegada ou presença do grupo na arena e raramente são ecoadas pelo restante da arquibancada. Talvez um elemento que dificulte que os demais torcedores ecoem essas canções seja as letras longas e entoadas em performance vocal cantofalada, com andamento e ritmo acelerados, semelhante à de MCs de rap ou funk. Além disso, o público também embarca raramente no hábito da Galoucura de inserir – com voz agressiva, gritada e gutural – seu nome entre versos de cânticos de exaltação do Galo. Estes elementos contradizem o pressuposto de Hallbacks trazido por Santos (2021), de que a música auxilia a memória. Se a música pode funcionar como apoio em processos de rememoração em alguns casos, em outros, certos contornos melódicos, prosódia, ritmo ou qualidade vocal podem dificultar o mesmo trabalho, funcionando inclusive como marcas distintivas dos grupos que dominam tais recursos sonoros.

Disputas sonoras e disputas por capital

Estas disputas pelo espaço da arquibancada por meio do som evidenciam a existência de conflitos entre grupos torcedores da mesma equipe, violência raramente abordada pelos estudos de futebol e torcida no Brasil. Ao contrário do que pesquisas sobre o tema relatam, as principais organizadas de Belo Horizonte – Galoucura e Máfia Azul, do Cruzeiro – surgem e crescem já durante a década de 1980, a partir do apoio de dirigentes de seus respectivos clubes, seja por meio do fornecimento de ingressos gratuitos ou a meia entrada, pela ajuda de custo em viagens ou confecção de bandeiras, e até mesmo na intermediação de acordos de patrocínio com empresas privadas que também apoiam o time (Estillac, Barbosa e Bayma, 2018). Em alguns momentos de sua história, ambas torcidas organizadas tiveram espaços de reunião dentro das sedes dos clubes que apoiavam. Um livro reportagem publicado em 2018 conta a história de formação e crescimento desses grupos em Belo Horizonte a partir de entrevistas com alguns de seus membros fundadores e relata que a sua relação com os dirigentes dos clubes oscila entre a amistosidade e a animosidade, variando não só com o desempenho do time em campo, e da gestão do clube fora dele, mas também de acordo com o apoio recebido pelas torcidas por parte dos gestores. Torcidas organizadas podem usar de sua legitimidade e capacidade de articulação dos torcedores de um clube e causar instabilidade política de uma administração, levando à saída de gestores, como aconteceu com Ziza Valadares, presidente do Galo entre 2007 e 2008, que enfrentou protestos da Galoucura¹¹. Esta organizada, por outro lado, deve parte de sua expansão ao apoio recebido do ex-governador de Minas Gerais, Newton Cardoso, que financiava o aluguel de sua sede (Estillac, Barbosa e Bayma, 2018:65).

Por outro lado, gestores podem redirecionar recursos de uma organizada para outra, como forma de conseguir apoio contra a ofensiva de um grupo torcedor específico, aproveitando-se de ou estimulando cisões e dissidências dentro das torcidas organizadas. É o caso da Torcida Pavilhão

¹¹ Acerca da pressão da Galoucura sobre a diretoria atleticana em torno da distribuição de ingressos gratuitos para a torcida, conferir GALOUCURA (2007). Sobre o financiamento de faixas da mesma organizada pelo mesmo dirigente em momento em que este apoiava o grupo de torcedores, conferir PRESIDENTE (2007).

Independente, uma organizada do Cruzeiro formada por dissidentes da Máfia Azul em meados dos anos 2000. Em 2008, um grupo de torcedores da Máfia Azul migra novamente para a Pavilhão. Segundo dirigentes da Máfia, tratavam-se de torcedores expulsos da organizada, por envolverem-se constantemente em brigas e arrastões dentro do estádio. Já os torcedores expulsos alegam que eram “oposição dentro da entidade por fazer pressão sobre o sumiço de uma Kombi e de ingressos” (Estillac, Barbosa e Bayma, 2018:118). O crescimento da Pavilhão começa a ameaçar a hegemonia da Máfia Azul e as duas organizadas entram em uma série de confrontos a partir de 2012 que culminam com uma briga na esplanada da Minas Arena, logo após o final do último jogo do Campeonato Brasileiro de 2013, o qual teve como campeão o Cruzeiro. O confronto ocasiona o cancelamento da festa previamente agendada pelo clube no estádio em comemoração pela conquista. Aproveitando-se desse momento de instabilidade da Máfia Azul, que não o apoiava, o presidente do Cruzeiro, Gilvan de Pinho Tavares, passa a apoiar a recém-criada Geral Celeste, fundada em abril de 2013, e que a partir daí domina as arquibancadas da Minas Arena (Estillac, Barbosa e Bayma, 2018:98).

As relações políticas entre torcidas organizadas distintas e entre essas e dirigentes de clubes no Brasil é um tema delicado e de difícil investigação, sobretudo porque gira em torno da distribuição de ingressos e da prática ilegal do cambismo¹². Em etnografia das relações entre a torcida do Fluminense Young Flu e a diretoria deste clube – um dos poucos trabalhos acadêmicos encontrados acerca do tema – Gustavo César Arêas de Souza (2014) identifica o que denomina economia simbólica de ingressos, a partir da qual essa torcida organizada comercializa, entre seus integrantes, entradas na metade do preço, como forma de financiar as atividades do grupo. Os indícios para a prática – que de acordo com o trabalho acontece de maneira rudimentar, orgânica, precária e informal (Souza, 2014:81) – são a existência de uma entrada separada de torcedores que adquirem ingressos via organizadas, a arrecadação dos valores junto aos torcedores logo após a entrada ou no intervalo das partidas e a anotação dos nomes destes torcedores em um balancete contábil rudimentar que é enviado a um funcionário do clube não identificado. Souza afirma que não conseguiu descobrir inteiramente os mecanismos desse “cambismo”, mas aponta que “há pessoas dentro do clube que parecem enriquecer de forma estranha com essa política” (Souza, 2014:82) e que a atividade financia a entrada gratuita de membros proeminentes das organizadas, reforçando a hipótese de existência de uma hierarquia dentro da torcida. O pesquisador indica ainda que a disponibilidade de ingressos por esses meios varia de acordo com a relação da organizada com a diretoria do clube: a cessão de bilhetes está condicionada ao apoio do grupo aos gestores nas eleições do clube e um presidente pode redistribuir a quantidade de ingressos entre as diferentes torcidas de acordo com seus interesses.

Mais do que simbólicas, as dinâmicas identificadas por Areas tem um cunho material forte, ainda que precário e informal, no qual a legitimidade e capital simbólico adquiridos a partir da bem sucedida ocupação sonora do

¹² Sobre a venda irregular de ingressos destinados à Galoucura por seus membros, conferir: Lacerda e Fernandes (2014).

território acústico da arquibancada são convertidos em recursos financeiros para a torcida organizada, alguns de seus membros e dirigentes dos clubes. O torcer, portanto, nem sempre envolve apenas um excesso simbólico (Alabarces et. al., 2000:216), na medida em que algumas organizadas – sobretudo as maiores de cada equipe – extraem mais valia de canais extraoficiais de recursos econômicos. Tais dinâmicas apontam para o fato de que futebol contemporâneo encontra-se atravessado por fluxos globais de capital que implementam nessa prática esportiva modelos de exploração comercial que visam a maximização do lucro. Neste contexto, os escândalos de corrupção nas instituições que o administram em nível global (FIFA), nacional (CBF) e regional (Federações Estaduais) se entranham também nas relações das torcidas organizadas entre si, entre estas e outros torcedores e as próprias entidades estruturantes do esporte, o que aponta para a hipótese de que a violência entre organizadas do mesmo time representa confrontos em torno destes meios de obtenção de recursos econômicos. Assim, esses grupos possuem também alguma parcela de responsabilidade em dinâmicas de apropriação indébita, ou expropriação afetiva, da excitação do conjunto de torcedores – organizados ou não – de um clube, e assim, participam da manutenção de formas arcaicas de produção do esporte.

Considerações Finais:

Este artigo mostrou que as sonoridades do futebol evidenciam o aspecto político da violência na medida em que apontam para as disputas simbólicas e materiais que produzem o esporte e a sociedade. Mais do que ginga, estratégia de sobrevivência, ou drible com relação às normas sociais, estas práticas violentas por meio do som explicitam as estruturas hierárquicas a que estamos submetidos e o caráter de veneno-remédio do futebol, como José Miguel Wisnik (2008:429) aponta: “Exposto igualmente a todas as manobras da publicidade capitalista, é ainda assim, o lugar onde se encontra algo que falta ao ‘cotidiano capitalista’, (...) um código simbólico reconhecível, capaz de expressar e atravessar as diferenças culturais”. Assim, para além da festa das torcidas na arquibancada durante as partidas de futebol, o unísono dos cantos, produzidos a partir de confrontos sonoros, aponta também para formas por meio das quais disputa-se recursos materiais fundamentais para a produção do torcer. Identificar os grupos torcedores que cantam uns contra os outros, em disputas sonoras empreendidas pelo controle do território acústico das arquibancadas, torna possível acessar um tema de difícil investigação pelo campo acadêmico. Trata-se de perceber, na emergência destas políticas sônicas violentas, o futebol como “*instrumento* de crítica, em vez de alvo”, em um sentido talvez não previsto por Gumbrecht (2007:30). O som e seu emprego no esporte é elemento privilegiado para audição da política nesses contextos porque “recompõe as relações entre os modos do *fazer*, os modos do *ser* e os modos do *dizer* que definem a organização sensível da comunidade” (Rancière, 1996:52).

Referências bibliográficas:

ALABARCES, Pablo et al. Aguante y repression. Fútbol, violencia y política en la Argentina. In: P. Alabarces (org). *Peligro de gol*. Estudios sobre deporte y sociedad en América Latina. Buenos Aires: CLACSO, 2000, p. 211-230.

_____. Argentina. In: DE WAELE, Jean-Michel, et. al (orgs). *The Palgrave International Handbook of Football and Politics*. Londres: Palgrave Macmillan, 2018, p. 469-484.

ALABARCES, Pablo. *Héroes, machos y patriotas: el fútbol entre la violência y los médios*. Buenos Aires: Aguilar, 2014.

_____. Fútbol, música y narcisismo: algunas conjeturas sobre “Brasil, decime qué se siente”. *El oído pensante*, v. 3, n. 1, p. 1-19, 2015.

ARAÚJO, Samuel. A violência como conceito na pesquisa musical; reflexões sobre uma experiência dialógica na Maré, Rio de Janeiro. *TRANS – Revista Transcultural de música* [online], n. 10, 2006. Disponível em: <https://www.sibetrans.com/trans/articulo/148/a-violencia-como-conceito-na-pesquisa-musical-reflexoes-sobre-uma-experiencia-dialogica-na-mare-rio-de-janeiro>.

BENJAMIN, Walter. Para uma crítica da violência. In: J.M Gagnebin (org.) *Escritos sobre mito e linguagem (1915-1921)*. São Paulo: Ed.34/Duas cidades, 2013, p. 121-156.

BUTLER, Judith. *Corpos em aliança e a política das ruas*. Notas para uma teoria performativa de assembleia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CLASTRES, Pierre. *A Sociedade contra o Estado*. Investigações de Antropologia Política. Porto: Afrontamento, 1979.

_____. *Arqueologia da violência*. Pesquisas de Antropologia Política. São Paulo: Cosac e Naif, 2004.

CORREA, Priscila Gomes. Performance e Resistência no Festival Phono 73. *Anais do XXIX Simpósio de História Nacional – Contra os Preconceitos: História e Democracia*, 2017. Disponível em: https://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1502795338_ARQUIVO_PerformanceeResistencianoFestivalPhono73textocompletojulho2017.pdf.

CUISICK, Suzane. Music as torture. *TRANS – Revista Transcultural de Música* [online], n. 10, 2006. Disponível em: <https://www.sibetrans.com/trans/articulo/152/music-as-torture-music-as-weapon>.

DAMO, Arley Sander. Paixão partilhada e participativa: o caso do futebol. *História: Questões e Debates*, Curitiba, n. 57, p. 45-72, 2012.

D'ANGELO, Natália. La nueva conflictividad de las barrabravas em Argentina:

uma lectura a la luz de la teoria de redes. *Ris*, 13, p. 55-75, 2011.

DAUGHTRY, Martin. Thanatosonics: ontologies of acoustic violence. *Social Text*, v. 119, 32, n. 2, p. 25-51, 2014.

_____. *Listening to War: Sound, music, trauma and survival in wartime Iraq*. Oxford: Oxford University Press, 2015.

DENORA, Tia. *Music in everyday life*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

DORLIN, Elsa. *Autodefesa: Uma filosofia da violência*. São Paulo: Crocodilo/Ubu Editora, 2020.

DUKE, Vic e CROLLEY, Liz. Futbol, Politicians and the People: Populism in politics in Argentina. *The international Journal of the History of Sport*, n. 18, v. 3, p. 93-116, 2001.

DUNNING, Eric. 'Figurando' o esporte moderno: algumas reflexões sobre esporte, violência e civilização com referência especial ao futebol. *Revista de Ciências Sociais*, v. 42, n.1, p. 11-26. 2011.

ESTILLAC, Bernardo; BARBOSA, Igor Junio; BAYMA, Marco Túlio Veras. *A Galoucura e a Máfia Azul: A trajetória das principais Torcidas Organizadas de Belo Horizonte*. 2018, 127 f. Monografia (Graduação em Comunicação Social) -- Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

GALOUCURA e presidente do Atlético-MG estão em confronto. *UOL*. 2007. Disponível em <http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas/2007/07/07/ult59u125190.jhtm>.

GASTALDO, Édison. As relações jocosas futebolísticas. Futebol, sociabilidade e conflito no Brasil. *Mana*, v. 16, n. 2, p. 311-325, 2010.

GOODMAN, Steve. *Sonic warfare: sound, affect and the ecology of fear*. Cambridge: The MIT Press, 2010.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Elogio da beleza atlética*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. Is there anything wrong with violence? About the beauty of rugby and American Football. *Philia&Filia*, vol 1, n.2, p. 67-73, 2010.

HAGOOD, Mack e VOGAN, Travis. 12th man: Fan noise in the contemporary NFL. *Popular Communication*, n.14, v. 1, p. 30-38, 2016

HELAL, Ronal, et. al. Comunicabilidade entre torcidas organizadas em estádios de futebol: Cantos de louvor ou cantos de Guerra? *Anais da Intercom – XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, pp. 1-15, 2012

HELMREICH, Stefan. An anthropologist underwater: immersive soundscapes, submarines cyborgs and transductive ethnography. *American Ethnologist*, v. 34, n. 4, p. 621-641, 2007.

HERRERA, Eduardo. Masculinity, Violence and Soccer Chants: The Sonic Potentials of Participatory Sounding-in-Synchrony. *Ethnomusicology*, n. 62, v.3, 2018.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. *O clube como vontade de representação: O jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro (1967-1988)*. 2008, 771 f. Tese (Doutorado em História Social da Cultura) -- Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de e TEIXEIRA, Rosana da Câmara. Associativismo juvenil e mediação política: As torcidas organizadas de futebol no Brasil e a construção de suas arenas públicas através da FTORJ e da ANATORG. *Revista Antropológica*, n. 42, p. 236-264, 2017.

INGOLD, Tim. "Against soundscape", In: CARLYLE (org.). *Autumn leaves*. Paris: Double Entendre, 2007, p. 10-13.

JOHNSON, Bruce e CLOONAN, Martin. *Dark Side of the Tune*. Surrey: Ashgate, 2009.

LACERDA, Bernardo e FERNANDES, Thiago. Organizadas revendem ingressos da final distribuídos pelo Atlético-MG. *UOL*. 2014. Disponível em <http://esporte.uol.com.br/futebol/campeonatos/copa-do-brasil/ultimas-noticias/2014/11/26/organizadas-revendem-ingressos-da-final-dadas-pelo-atletico-mg.htm>.

LOPES, Felipe Tavares Paes e CORDEIRO, Mariana Pricolli. Futebol, Massa e Poder: Reflexões sobre a 'teoria do contágio'. *Psicologia Política*, v. 15. N. 34, pp. 479-495, 2015.

MARICATO, Ermínia. Copa del mundo em Brasil: um tsunami de capitales que profundizan las desigualdades urbanas. In: CARRIÓN, Fernando e RODRÍGUEZ, Maria José (orgs). *Luchas urbanas alrededor del futbol*. Quito: 5ª Avenida Editores, 2014, pp. 115-134.

MARRA, Pedro Silva. Unfair players, ou 'Da copa eu abro mão, quero dinheiro pra saúde e educação': transformações nas formas de torcer/protestar a partir das reformas dos estádios da Copa do Mundo 2014. *Logos: Comunicação e Universidade*, edição 40, n. 24, v.1, pp. 1-19, 2014.

_____. Fascínio nas Arquibancadas: apontamentos metodológicos para uma cartografia dos afetos, materialidades sonoras e produção de presença na prática esportiva. In: HELAL, Ronaldo, AMARO,

Fausto (orgs.). *Esporte e Mídia: Novas Perspectivas*. A influência de Hans Ulrich Gumbrecht. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2015, p. 201-231.

_____. *Vou Ficar de Arquibancada pra sentir mais emoção: Técnicas Sônicas nas dinâmicas de produção de partidas de futebol do Clube Atlético Mineiro*. 2016, 203 f. Tese (Doutorado em Comunicação Social), Universidade Federal Fluminense, Niterói.

_____. “Ei, juiz, vai tomar no cu”: políticas torcedoras e do futebol e sonoridades de xingamentos em performances masculinas. *FuLiA*, v. 2, p. 55-79, 2018.

_____. Sound, violence and gender performances in Brazillian football, In: MILLAR, Stephen R.; POWER, Martin J. et al. (orgs.) *Football and popular culture: Singing out from the stands*. Londres e Nova York: Routledge/Taylor and Francias Group, 2021, pp. 39-50.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MCDONALD, David A. *My voice is my weapon: Music, nationalism, and the Poetics of Palestinian Resistence*. Durhan and London: Duke University Press, 2013.

MOREIRA, María Verónica. Juego electoral y relaciones políticas em el futebol argentino. *História: Questões e debates*, n. 57, p. 217-149, 2012.

MURAD, Maurício. Práticas de violência e mortes de torcedores no futebol brasileiro. *Revista USP*, n. 99, p. 139-152, 2013.

MURZI, Diego. Hacia un mapa de la ‘violência en el futbol’: actors, dinâmicas, respuestas públicas y desafios en el caso de Argentina. *Revista de Gestion Pública*, v. VII, n 1, p. 43-75, 2018.

NEWSON, Martha et. al. Brazil’s football warriors. Social Bonding and Inter-group violence. *Evolution and Human Behaviour*, v. 39, issue 6, p. 675-683, 2018.

PALHARES, Marcelo Fedori Soares e SCHWARTZ, Gisele Maria. *Não é só a torcida organizada: o que os torcedores organizados têm a dizer sobre a violência no futebol?* São Paulo: Editora UNESP, 2015.

PRESIDENTE do Atlético confirma que bancou faixa da Galoucura. *UOL*, 2007. Disponível em <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas/2007/07/09/ult59u125338.jhtm>. Acesso em 18 jul. 2015.

RANCIÈRE. Jacques. *O desentendimento: Política e filosofia*. São Paulo: Ed. 34, 1996.

REIS, Heloísa Helena Baldy dos. Espetáculo Futebolístico e violência: uma complexa relação. In: DACIOLO, Jocimar (org.). *Futebol, Cultura e Sociedade*. Campinas: Autores Associados, 2005, p. 105-130.

REIS, Heloísa Helena Baldy dos; LOPES, Felipe Tavares Paes. O torcedor por detrás do rótulo: Caracterização e percepção da violência de jovens torcedores organizados. *Movimento – Revista de Educação física da UFRGS*, v. 21, n. 3, pp. 693-706, 2016.

SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. “Recordar é viver!”: cânticos de torcida, memória e fontes orais. In: *História Oral*, v. 24, n.2, p. 89-104, 2021
SILVA, Regina Helena Alves da (org.). *Ruas e redes: dinâmicas dos protestosBR*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

SILVA, Silvio Ricardo; DEBORTOLI, José Alfredo de O.; SILVA Tiago Felipe da (orgs.). *O futebol nas Gerais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

SPAALJ, Ramón. Men like us, boys like them. Violence, masculinity and collective identity in football hooliganism. *Journal of Sports and Social Issues*, v. 32, n. 4, p. 369-392, 2008.

SPAALJ, Ramón, et. al. Football and Politics: Between the Local and the Global. In: DE WAELE, Jean-Michel, et. al. *The Palgrave International Handbook of Football and Politics*. Londres: Palgrave Macmillan, 2018, p. 3-17.

SOUZA, Gustavo César Arêdes de. *Em nome da excitação: uma etnografia da relação política entre torcedores organizados e dirigentes de futebol*. 2014, 95 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) -- Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica.

STOCK, Jonathan P. Violence. *Music and arts in action*, v. 6, n. 2, p. 91-104, 2018.

TEIXEIRA, Rosana da Câmara. A Associação Nacional das Torcidas Organizadas do Brasil na arena pública: desafios de um movimento coletivo. *Antípoda. Revista de Antropologia e Arqueologia*, n. 30, p. 111-128, 2018.

TEIXEIRA, Rosana da Câmara e HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. Brazil. In: DE WAELE, Jean-Michel, et. al. *The Palgrave International Handbook of Football and Politics*. Londres: Palgrave Macmillan, 2018, p. 485-503.

TOLEDO, Luiz Henrique. Por que xingam os Torcedores de Futebol? *Cadernos de Campo*, n.3, v.3, p.20-29, 1993.

_____. *Torcidas organizadas de futebol*. Campinas: Autores Associados/Anpocs, 1996.

_____. *Hinchadas como política en el Brasil Pos-Dictadura*,

In: ZUCAL, José Garriga (org.). *Violência en futbol*. Buenos Aires: Ediciones Godot, 2013, p. 209-251.

TREJO, Fernando Segura, et. al. Violências no futebol Argentino: O que está em jogo? Quais são os paralelos com o Brasil? *Publicatio UEPG: Ciências Sociais Aplicadas*, v. 27, p. 42-58, 2019.

TREJO, Fernando Segura, MURZI, Diego e YOSHIDA, Laura. Entre a violência e a festa popular no futebol da Argentina: As barras-bravasm as políticas públicas e uma ONG. *Publicatio UEPG: Ciências Sociais Aplicadas*, v. 25, p. 163-173, 2017.

TROTТА, Felipe. Música, afeto e bem estar: uma conversa com Alicia e Peter. *El Oído Pensante*, v. 7, n. 1, p. 7-23, 2019.

VAINER, Carlos. Cuando la ciudad sale a la calle: megaeventos, meganegócios, megaprotestas em Brasil, 2013. In: CARRIÓN, Fernando e RODRÍGUEZ, Maria José (orgs). *Luchas urbanas alrededor del futbol*. Quito: 5ª Avenida Editores, p. 154-168, 2014.

WISNIK, José Miguel. *Veneno remédio – O futebol no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ZAN, José Roberto. Secos e molhados: Metáfora, ambivalência e performance. *ArtCultura*, v. 15, n. 27, pp. 7-27, 2013.

Recebido em 28 de novembro de 2022
Aprovado em 18 de fevereiro de 2023